

KANT E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

PALOMA MARQUES¹; KEBERSON BRESOLIN²

¹ Universidade Federal de Pelotas – paloma.markes@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – keberson.bresolin@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado *Kant e a inteligência artificial*, orientado pelo professor Keberson Bresolin, está vinculado ao Instituto de Filosofia, Sociologia e Política (IFSP), tendo início no primeiro semestre do calendário do ano de 2023, sendo financiado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas.

O objetivo desta pesquisa era, a partir de literaturas disponíveis sobre a temática, desenvolver uma perspectiva e observações que Immanuel Kant faz sobre a moral e a ética, bem como aplicá-las ao campo da inteligência artificial (IA).

Podemos observar ao longo dos anos a grande evolução que o âmbito da tecnologia vem apresentando. Uma dos setores tecnológicos trata do desenvolvimento de inteligências artificiais e de aprimoramento de suas capacidades, visando a completa autonomia no futuro. Tendo em vista que tal tecnologia ainda não foi criada, partiremos de uma possibilidade tangível que seremos capaz de produzir um ser dessa forma, sendo assim, nos compete questionar sobre o domínio da moral nessa área da tecnologia.

Estes questionamentos envolvem muito mais que regras matemáticas ou físicas usadas na construção de uma IA, encontram-se pois elas chegam até a metafísica. A razão por exemplo, necessita de um *eu* racional que seja capaz de compreender que existe, que pensa e que por proceder desta forma pode afirmar o *eu penso*. Allen Wood coloca que mesmo que a razão faça uso de uma métrica própria, jamais poderia ser resumida ou ajustada a um cálculo matemático pois Kant acreditava em uma forma de razão prática.

Todavia, o que configura uma razão prática? O filósofo alemão defende que “Tudo na natureza age segundo leis. Só um ser racional tem a capacidade de agir segundo a representação das leis[...] a vontade não é outra coisa senão razão prática”. (KANT, Immanuel, 2019, BA 36, p.50) grifos do autor. Portanto, como observamos nas palavras de Kant, para que exista uma razão prática é necessário que um ser possua vontade, autonomia e liberdade.

Como seres portadores de racionalidade, o filósofo alemão entende a vontade como independente de qualquer outra coisa e pertencente somente aos seres humanos e a liberdade propriedade dessa vontade. Wood explica que para Kant a liberdade pode ser transcendental ou prática, a primeira como independente de causa *a priori*, e a segunda como algo que o ser humano atribui a si mesmo como um agente moral (WOOD, 2019 p. 125). “A todo ser racional que tem uma vontade, temos que atribuir-lhe necessariamente também a ideia da liberdade, sob a qual ele pode unicamente agir” (2016, p.102, BA 101). Ao exercer a liberdade através da vontade um ser pode ser considerado autônomo, pois toda prática moral envolverá uma atitude proveniente da liberdade e da vontade.

Lisa Benossi e Sven Bernecker interpretam que para Kant os seres humanos possuem um tipo diferente de racionalidade e que os diferenciam das outras espécies. Além de fazerem uso de ponderações por meio da razão, estão também sujeitos a influências das inclinações, essas duas características humanas irão forjar as ações humanas. E consequentemente influenciar o ambiente social compartilhado.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi baseado em uma metodologia de pesquisa exploratória que visava, por meio da leitura de bibliografias (artigos, dissertações, teses) e tencionam compreender Kant e suas prováveis perspectivas da moral, aplicá-las as inteligências artificiais que estão em desenvolvimento assim como todas as pretensões futuras de avanço nesse campo. As obras principais, que incitaram uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto foram a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (2019) e *Kant and Artificial Intelligence* (2022).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento da pesquisa e leituras realizadas, foi possível notar como os conceitos de vontade, liberdade e autonomia estão intimamente ligados com as ações práticas da razão. E que elas não podem ser realizadas por métodos que infringem a lei natural da obtenção de tais capacidades, pois deixariam de ser ações genuinamente morais, ou seja, ações que não são baseadas no dever.

4. CONCLUSÕES

A despeito de todas as evoluções no campo da tecnologia e os avanços com as inteligências artificiais, tal criação, na perspectiva kantiana de um ser moral, não seria capaz de exercer a mesma moralidade exercida pelos seres humanos. Tais seres não possuem uma autonomia, vontade e liberdade nata, mas proveniente de uma base de dados que lhes é imputada.

Entretanto, a despeito de não poderem ser considerados como seres morais equiparando-os com o ser humano, tais criaturas deveriam ser tratadas com respeito. Pois agir pelo dever deveria ser a ação moralmente correta de acordo com a filosofia kantiana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENOSSI Lisa; BERNECKER, Sven. **A Kantian Perspective on Robot Ethics**. In: SCHÖNECKER, Dieter; KIM, Hyeongjoo. **Kant and Artificial Intelligence**. Boston: Gruyter, 2022. Cap. 5, p. 147-168.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**, São Paulo: Edições 70, 2019.

SCHÖNECKER, Dieter; KIM, Hyeongjoo. **Kant and Artificial Intelligence**. Boston: Gruyter, 2022.

WOOD, Allen W. **Kantian Ethics**. New Rochelle: Cambridge University Press, 2008.

SCHÖNECKER, Dieter. **Kant's Argument from Moral Feelings: Why Practical Reason Cannot Be Artificial**. In: SCHÖNECKER, Dieter; KIM, Hyeongjoo. **Kant and Artificial Intelligence**. Boston: Gruyter, 2022. Cap. 6, p. 169-188